

(Vs. Pt.)

## COM A MÃO CHEIA DE PÓ

de Rita Gaspar Vieira

curadoria de Ana Rito

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

07 DE FEVEREIRO - 28 DE MARÇO DE 2020

*Imagens-contacto? Um ligeiro tremor da frente para o verso.  
Um tactear dialéctico da mão que procura ver e do olho que procura tocar.<sup>1</sup>*

Georges Didi-Huberman

Diz-nos Georges Didi-Huberman no texto intitulado “Impressão. Marca. Sinal”, incluído no catálogo da exposição *L'Empreinte* (Centre Georges Pompidou, 1997), que a impressão desdobra. Através de um procedimento técnico, esta gera, por um lado, um duplo, por outro, um semelhante, criando um desdobramento e uma simetria. Diz-nos ainda o autor que a impressão redobra, a partir da própria imagem que cria, assim como o(s) sentido(s) que despoleta. Passa, numa sequência de gestos, de película protectora a médium, entre a possibilidade da mancha (manifesta) e da permanência do sinal (impreso)<sup>2</sup>. Este sinal, optemos por chamar-lhe aqui de semelhança, é produzido por contacto.

*Com a Mão cheia de Pó* é a primeira exposição individual de Rita Gaspar Vieira na Galeria Belo Galsterer. O projecto apresenta um conjunto de obras iniciadas em contexto de residência artística na Fábrica de Lápis Viarco, cruzando a prática do desenho com o objecto e uma sua imagem impressa: a semelhança por contacto ou a impressão como matriz. Estas parecem ser as premissas do seu trabalho.

A artista fabrica imagens-contacto (*l'image brûlée*): imagens que tocam algo e depois alguém. Imagens de “costas voltadas”, e que são frente e avesso ao mesmo tempo; imagens que remetem para a ideia de que tocar é ver ou de que ver é tocar; imagens que estão próximas demais e que aderem; imagens-escudo, mas um escudo que dá a ver; imagens acopladas a outras imagens; imagens contíguas e leves, esvoaçantes, que planam sobre a superfície das coisas, e se imprimem na pele de quando em vez; imagens palpáveis; imagens esculpidas pela sombra e pela luz; imagens que “animam” o olho e o aproximam da mão. Este é o paradoxo das imagens contacto. Esta é a sua natureza complexa e hibridizada. São, de facto, imagens presentes: uma imagem-presença. Ora, entre o tocar algo e depois alguém, estabelece-se todo um processo de mediação que envolve inevitavelmente um canal de toque (horizontal e vertical, da mesa ao papel, e depois ao corpo).

E é precisamente nestes canais de toque, nestes desdobramentos - de imagens, objectos, lugares, tempos, restos e rastros - que Rita Gaspar Vieira estabelece o seu gesto.

O mesmo, que se repete, quando enche a mão de pó.

Texto de autoria de Ana Rito

Lisboa, Janeiro 2020

1 DIDI-HUBERMAN, Georges, Contact Images (Los Angeles, California: Tympanum, Journal of Comparative Literary Studies, University of Southern California, Issue 3, 1999).

2 BENJAMIN, Walter, Pintura e Desenho. Sobre a Pintura ou Sinal e Mancha, Maria Filomena Molder (trad.) in MOLDER, Maria Filomena – Matérias Sensíveis, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1999.

### Biografia Resumida

Rita Gaspar Vieira (Leiria, 1976) vive e trabalha com sede em Leiria.

Operando no campo do desenho e da tridimensionalidade, a obra de Rita Gaspar Vieira tem vindo a problematizar relações entre a memória privada e a comum coletiva de lugares habitados, destacando a relação entre as práticas quotidianas e os procedimentos artísticos que essas práticas constituem no seu trabalho, ao considerar a diferença criativa alcançada face à expectativa com que estas ações são desempenhadas. No conjunto dessas práticas o uso da água é determinante. Além disso, na sua práxis, é recorrente a produção de papel de algodão artesanal, que se constitui como gênese do desenho e das suas instalações.

A artista já expôs em vários países com projectos como o "projecto Mnemosyne - Munsterland Festival", AKI, Holand, Kloster Bentlage, Emsdetten Gallery em Rheine (DE), em 2019, e "Aversa" na Galeria Belo-Galsterer em Lisboa; "Biblioteca do Amor", C.A.C. Contemplation Room, no Cincinnati Contemporary Arts Center em Cincinnati (EUA); "O Caminho das Formigas", na Galeria Andrea Rehder em São Paulo (BR), em 2018.

Para além da presença das suas obras em diversas colecções privadas em Portugal, a artista, representada pela Galeria Andrea Rehder (BR), também faz parte de colecções institucionais como a Coleção PLMJ, Coleção da Câmara Municipal de Leiria, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Coleção Figueiredo Ribeiro, Abrantes (PT); A MACS Collection (BR).

(En. Vs.)

## COM A MÃO CHEIA DE PÓ

by Rita Gaspar Vieira

curated by Ana Rito

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

FEBRUARY 7 - MARCH 28, 2020

*Contact images? A slight trembling from front to back.  
A dialectical groping of the hand that seeks to see and the eye that seeks to touch.<sup>1</sup>*

Georges Didi-Huberman

Georges Didi-Huberman tells us in the text titled “Printing. Mark. Sign”, included in the *L’Empreinte* (Centre Georges Pompidou, 1997) exhibition catalog that printing unfolds. Through a technical procedure, it generates, on the one hand, a double, on the other, a similar one, creating an unfolding and symmetry. The author also tells us that printing repeats, through the image created by itself, as well as the direction(s) that it triggers. It passes, in a sequence of gestures, from protective layer to medium, between the possibility of the (manifest) stain and the permanence of the (printed) sign<sup>2</sup>. This sign, we will name it similarity here, is produced by contact.

*Com a Mão cheia de Pó* (With a Hand full of Dust) is the first individual exhibition by Rita Gaspar Vieira at Galeria Belo Galsterer. The project presents a set of works initiated in the context of an artistic residency at the Viarco Pencil Factory, crossing the practice of drawing with the object and its printed image: similarity by contact or printing as matrix. These seem to be the premises of her work.

The artist manufactures contact-images (l’image brûlé): images that touch something and then someone. “Back-facing” images that are front and back at the same time; images that refer to the idea that touching is a way to see or seeing is a way to touch; images that are too close and adhered; shield images, but a shield that foresees; images coupled with other images; contiguous and light, fluttering images, which glide on the surface of things, and imprint themselves on the skin from time to time; palpable images; images carved by shadow and light; images that “animate” the eye and approach the hand. This is the paradox of contact-images. This is their complex and hybridized nature. They are, in fact, present images: a presence-image. Actually, between touching something and then someone, a whole mediation process is established that inevitably involves a touch procedure (horizontal and vertical, from the table to the paper, and then to the body).

And it is precisely in these touch procedures, in these unfoldings - of images, objects, places, time, remains and traces - that Rita Gaspar Vieira establishes her gesture.

The same one, which is repeated, when the hand is filled with dust.

Text by Ana Rito  
Lisbon, January 2020

1 DIDI-HUBERMAN, Georges, *Contact Images* (Los Angeles, California: Tympanum, Journal of Comparative Literary Studies, University of Southern California, Issue 3, 1999).

2 BENJAMIN, Walter, *Pintura e Desenho. Sobre a Pintura ou Sinal e Mancha*, Maria Filomena Molder (trad.) in MOLDER, Maria Filomena – *Matérias Sensíveis*, Relógio D’Água Editores, Lisboa, 1999.

### Short Biography

Rita Gaspar Vieira (Leiria, 1976) lives and works in Leiria, Portugal.

She began to exhibit in the second half of the 2000s, working mostly with used objects, wood and paper. With a practice based on drawing and three-dimensionality, Rita Gaspar Vieira's work explores the relationship between private and collective memory of inhabited places, highlighting the relationship between daily practices and the artistic procedures of those methods that establish her work; always considering the creative difference achieved due to the expectations in which these actions were processed. In all these actions, the use of water is crucial. Moreover, in her praxis, handmade cotton paper production is frequent, constituting the origin of her drawings and installations.

The artist has exhibited in several countries with projects such as the “Mnemosyne project - Munsterland Festival”, AKI, Holand, Kloster Bentlage and Emsdetten Gallery in Rheine (DE) in 2019; her 2018 exhibitions “Avessa” at the Galeria Belo-Galsterer in Lisbon; “Library of Love”, C.A.C. Contemplation Room, at the Cincinnati Contemporary Arts Center in Cincinnati (USA); or “O Caminho das Formigas”, at the Galeria Andrea Rehder in São Paulo (BR).

Represented by Galeria Andrea Rehder (BR), Rita’s work is part of several institutional collections such as the PLMJ Collection, Câmara Municipal de Leiria Collection, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra and the Figueiredo Ribeiro Collection, Abrantes (PT); MACS Collection (BR), as well as being part of diverse private collections in Portugal.

(Vs. Pt.)

## IN A ROW I+II

de Pedro Boese

07 DE FEVEREIRO - 28 DE MARÇO DE 2020

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

“Azul é a única cor que me transmite conforto.”<sup>1</sup>

### Azul Simétrico

Franz Marc

Olhando para as duas séries de gravura *in a row I* e *in a row II* que compõem a mais recente apresentação de Pedro Boese, na Galeria Belo-Galsterer, a frase proferida por Franz Marc, criador imortal do Expressionismo alemão, parece feito à medida deste artista português.

As associações que esta cor despoleta são múltiplas e de variada natureza: cor celestial; usada por Giotto (di Bondone / 1266-1337) pela primeira vez para substituir o fundo dourado das pinturas religiosas, os ícones de tradição bizantina, tornando as cenas mais realistas, humanas – acto que torno Giotto um dos grandes inovadores do mundo pré-renascentista; Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832) escreveu que o azul tinha “um efeito estranho e quase indescritível no olho humano, devido à energia que ela {a cor} emana”, sendo uma cor presente no mundo, criando quase que uma atração visual fatal.<sup>2</sup>

Além destas considerações, o azul – ou os tons azulados usados por Pedro Boese nas séries *in a row I* e *in a row II* – são o ponto de partida para o jogo de contrastes complementares que o artista cria nas gravuras de aquatinta. As duas cores base, diferentes em cada série, concretizam-se em formas geométricas e desmultiplicam-se em novas tonalidades através de sobreposições no papel quadrado, constantemente (des-)alinhando e repetindo-se, numa imperfeição simétrica, que constrói um novo espaço de contemplação mediante a reiteração da mesma forma geométrica interrompida por cortes, interferências e espaços deixados em aberto...

A linha desenhada pelos trabalhos na parede, constrói uma imagem integral que vive da presença e ausência de padrões, ora existentes aqui, ora ausentes ali. O jogo das cores – complementares – é recorrente e tem-se tornado um elemento constante na obra de Boese, o deslocamento de linhas, a repetição de padrões, ou o vazio dos mesmos, produz a deslocação de um único ponto de vista. Aspectos centrais deste projecto tornam-se, assim, a relação entre o espaço da própria obra e o lugar onde é apresentada, bem como a relação entre os tons de cor complementar em cada obra per se e como um todo, criando um diálogo de beleza ténue e subtil, forma com cor, cor com linha.

Texto de autoria de Alda Galsterer

Lisboa, Janeiro 2020

1 “Blau ist die einzige Farbe, bei der ich mich wohl fühle.” citação de Franz Marc (1880-1916), artista alemão conhecido pelas pinturas dos ‘Cavalos Azuis’. Artista que junto com Wasily Kandinsky, Gabriele Münter e outros, integrou o movimento expressionista alemão DER BLAUE REITER (1911-14), sediado em Munique.

2 “[Blau] macht für das Auge eine sonderbare und fast unaussprechliche Wirkung. Sie ist als Farbe eine Energie; {...} Wie wir den hohen Himmel, die fernen Berge blau sehen, so scheint eine blaue Fläche vor uns zurückzuweichen. Wie wir einen angenehmen Gegenstand, der vor uns flieht, gern verfolgen, so sehen wir das Blaue gerne an, nicht weil es auf uns dringt, sondern weil es uns nach sich zieht.” (Johann Wolfgang von Goethe: Zur Farbenlehre, Ed. Hofenberg, p. 179 | Ed. Original de 1810)

### Biografia resumida

Pedro Boese (Beira, Moçambique, 1972) vive e trabalha em Berlim.

Licenciou-se em pintura e gravura na Academia de Belas Artes de Maastricht na Holanda e prosseguiu os estudos com uma pós-graduação no Institute for Art in Context da Universidade de Belas Artes de Berlim. Ocupou o cargo de professor de gravura “intaglio” (em metal) na Escola Kunsthochschule Weissensee em Berlim, de 2018 a 2019, e lá iniciou a sua carreira de instrutor. De todas as suas exposições individuais destacam-se, entre outras, em Berlim, “Privatformat II” no Novokolorit em 2018 e “Malerei und Fassade” na Deutscher Künstlerbund (com Silke Riechert) em 2015.

Participou em exposições colectivas em Portugal e na Alemanha, como a “Área de Diálogo” na Galeria Municipal Banco de Portugal, em Leiria, em 2019, ou “Der Engeltrick in der Abstraktion in Glue” no espaço Kunstraum Kreuzberg em Berlim em 2016. As suas obras podem ser encontradas em várias coleções públicas, como Staatliche Museen zu Berlin, Museu de Gravuras e Desenhos, DE; Museum Folkwang Essen, Coleção de Arte Gráfica, DE; Kunstmuseum Basel, Museu de Gravuras e Desenhos, CH; Coleção da Bosch Rexroth AG, Lohr am Main, DE; Coleção Danish Oil & Nature Gas, Copenhaga, DK e ainda no Centro das Artes e Cultura de Ponte de Sor, PT.

(En. Vs.)

## IN A ROW I+II

by Pedro Boese

GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

FEBRUARY 7 - MARCH 28, 2020

“Blue is the only color, I feel comfortable with.”<sup>1</sup>

### Symmetric Blue

Franz Marc

Looking at the two new aquatint series *in a row I* and *in a row II* that are part of Pedro Boese’s most recent solo presentation at Galeria Belo-Galsterer, the above mentioned quote by Franz Marc, immortalized creator of German Expressionism, seems to have been made to measure when regarding Boese’s work.

The associations this color triggers are of multiple and varied nature: celestial color; used by Giotto (di Bondone / 1266-1337) for the first time to substitute the golden background so popular - until then - in religious paintings of the Byzantine icons tradition, humanizing painting and turning it more verisimilar: a courageous act that made Giotto become one of the great innovators of the pre-renaissance world; Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832) wrote about the color blue that it left a “strange effect, almost impossible to describe, on the human eye, due to the energy it emanates”, having a constant presence in the world, blue created almost a fatal visual attraction.<sup>2</sup>

Besides these considerations, blue – or the blue tones used by Pedro Boese in the new series *in a row I* and *in a row II* – are the starting point for a color game of complementary contrasts created by the artist in his aquatint etchings. The two base colors, different in each series, appear in geometrical forms and unfold in new tones through superposition inside the square; constantly falling out of line and repeating, assuming an imperfect symmetry that builds up a new space of contemplation by the reiteration of the same geometric form, interrupted by spontaneous cut ups, interferences and spaces left open...

The line drawn on the wall by the works installed creates a bigger image that lives from the presence and absence of patterns, now existent here, now absent there. The complementary color game – recurrent and a constant element in Boese’s work, dislocated lines, repetition of patterns, or their absence, produce the displacement of a unique viewpoint. Central aspects of this project become thus the relation of the etching’s visual space and the space where it is presented, as well as the relation between the complementary color tones in each work per se and as a whole, creating a dialogue of subtle and tender beauty, form with color, color with line.

Text by Alda Galsterer

Lisbon, January 2020

1 “Blau ist die einzige Farbe, bei der ich mich wohl fühle.” quote by Franz Marc (1880-1916), German artist well-known for his Blue Horse’s paintings. Artist, who together with Wasily Kandinsky, Gabriele Münter and others, was part of the German Expressionist movement DER BLAUE REITER (1911-14), seated in Munich.

2 “[Blau] macht für das Auge eine sonderbare und fast unaussprechliche Wirkung. Sie ist als Farbe eine Energie; {...} Wie wir den hohen Himmel, die fernen Berge blau sehen, so scheint eine blaue Fläche vor uns zurückzuweichen. Wie wir einen angenehmen Gegenstand, der vor uns flieht, gern verfolgen, so sehen wir das Blaue gerne an, nicht weil es auf uns dringt, sondern weil es uns nach sich zieht.” (Johann Wolfgang von Goethe: Zur Farbenlehre, Ed. Hofenberg, p. 179 | Original Edition: 1810)

### Short Biography

Pedro Boese (Beira, Mozambique, 1972) lives and works in Berlin.

He graduated in painting and engraving at the Fine Arts Maastricht Academy in the Netherlands and continued his studies with a postgraduate degree at the Institute for Art in Context at the Berlin University of Fine Arts. He held the position of “intaglio” (metal) engraving teacher at the Kunsthochschule Weissensee School in Berlin from 2018 to 2019, and there began his coaching career. All of his individual exhibitions include, among others, in Berlin, “Privatformat II” at Novokolorit in 2018 and “Malerei und Fassade” at Deutscher Künstlerbund (with Silke Riechert) in 2015.

He participated in collective exhibitions in Portugal and Germany, such as the “Área de Diálogo” at the Galeria Municipal Banco de Portugal in Leiria in 2019, or “Der Engeltrick in der Abstraktion in Glue” at the Kunstraum Kreuzberg space in Berlin in 2016. His works can be found in several public collections, such as Staatliche Museen zu Berlin, Engravings and Drawings Museum, DE; Folkwang Essen Museum, Graphic Art Collection, DE; Kunstmuseum Basel, Engravings and Drawings Museum, CH; Bosch Rexroth AG Collection, Lohr am Main, DE; Danish Oil & Nature Gas Collection, Copenhagen, DK and also at the Ponte de Sor Arts and Culture Centre, PT.